

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

POR UMA CANÇÃO

10 de Agosto de 2021

THE GRADUATE / 1967

A PRIMEIRA NOITE

um filme de MIKE NICHOLS

Realização: Mike Nichols *Argumento:* Calder Willingham, Buck Henry, baseado no romance de Charles Webb *Fotografia:* Robert Surtees *Som:* Jack Solomon *Montagem:* Sam O'Steen *Produção artística:* Richard Sylbert *Cenografia:* George R. Nelson *Guarda-roupa:* Patricia Zipprodt *Caracterização:* Sudney Guilaroff, Harry Maret, Sherry Wilson *Interpretação:* Anne Bancroft (Mrs. Robinson), Dustin Hoffman (Ben Braddock), Katharine Ross (Elaine Robinson), William Daniels (Mr. Braddock), Murray Hamilton (Mr. Robinson), Elizabeth Wilson (Mrs. Braddock), Buck Henry, Brian Avery, Walter Brooke, Norman Fell, Alice Ghostley, Marion Lorne, Eddra Gale, etc.

Produção: Lawrence Turman (Estados Unidos, 1967) *Produtor:* Lawrence Turman *Cópia:* DCP, cor, legendada electronicamente em português, 106 minutos *Estreia:* 21 de Dezembro de 1967, em Los Angeles *Estreia comercial em Portugal:* 16 de Janeiro de 1970, no cinema São Jorge (Lisboa) *Primeira exibição na Cinemateca:* 12 de Junho de 2017 ("O Ano de 1967 – Terras em Transe").

Talvez não seja justo, talvez não seja adequado, mas às vezes – pelo menos, às vezes – é mesmo verdade que “a justiça não tem nada a ver com isto”, como se diz no UNFORGIVEN: THE GRADUATE que é um filme importante do “transe” de 1967, à beira dos anos 70, e que é um filme “de” Anne Bancroft e da estreia de Dustin Hoffman, associa-se no imaginário ao “filme da canção de” Paul Simon pelos Simon & Garfunkel, *Mrs. Robinson*. “And here’s to you, Mrs. Robinson / Jesus loves you more than you will know / Wo, wo, wo / God bless you please, Mrs. Robinson / Heaven holds a place for those who pray / Hey, hey, hey... hey, hey, hey / We’d like to know a little about you for our flies / We’d like to help you learn to help yourself / ...” A verdade é que, editada em disco meses depois da estreia do filme de Mike Nichols (em duas diferentes versões num disco com a banda sonora, em 1967; em *Bookends*, de 1968, onde surge na versão original e cujo lado B inclui material que não foi usado em THE GRADUATE), a canção se autonomizou rapidamente do filme – e até do álbum, importante no estrelato definitivo do duo –, pelo êxito pop que conquistou, nos “tops” e nos ouvintes do mundo inteiro antes de se tornar “um clássico” da música popular americana.

“.../ Sitting on a sofa on a Sunday afternoon / Going to the candidates’ debate / Laugh about it, shout about it / When you’ve got to choose / Every way you look at this you loose.” Consta da informação de bastidores que Mrs. Robinson, a Mrs. Robinson de Mike Nichols, interpretada por Anne Bancroft (vinda do último Ford, SEVEN WOMEN), podia ter tido outra presença, a de Jeanne Moreau, que seria uma escolha inicial de Nichols, ou a de Doris Day ou Natalie Wood, caso elas não tivessem recusado o papel, ou a de Patricia Neal, Joan Crawford, Lauren Bacall, Audrey Hepburn, também citadas como hipóteses ponderadas no impressionante rol de possíveis Mrs. Robinson de que constariam ainda Angie Dickinson, Judy Garland, Rita Hayworth, Deborah Kerr, Jennifer Jones, Eva Marie Saint, Eleanor Parker, Lana Turner... a lista continua, pelo menos tal como ficou fixada para a história. O caso é que o elenco estaria conforme à ideia de Nichols, que queria para Mrs. Robinson uma atriz que desse corpo à ideia do embate de gerações em momento de ebulição iminente, emparelhando-a com um (visivelmente mais) jovem rapaz numa história de iniciação sexual. À superfície, a história é essa. Anne Bancroft veste então a pele de uma mulher que assume um poder de sedução predador que se esfrangalha quando a personagem da filha dela – da idade dele – entra em cena.

Também consta dos registos que, não estivesse ele ocupado com *BONNIE AND CLYDE* (também de 1967), Warren Beatty teria sido uma das primeiras escolhas para a personagem de Ben (Benjamin, como Mrs. Robinson e Elaine Robinson lhe chamam). Mas é Dustin Hoffman quem encontramos em *THE GRADUATE* impregnado de todo o vago mal-estar da personagem. Encontramo-lo, e encontramos-lo assim, logo no plano inicial, dentro do avião que o leva de volta a casa dos pais na Califórnia, ao som de *The Sound of Silence* (de 1964, repescada ao repertório dos Simon & Garfunkel). A expressão dos olhos dele mostra um vazio por onde passa qualquer coisa de perplexo, de congelado, de aterrorizado, uma perturbação existencial muda que se mantém nas cenas seguintes, perfeitamente elucidativa na sequência da festa de boas vindas na casa e à beira da piscina, filmada como a cena de horror que continua a estampar-se nos olhos e na rigidez corporal de Ben. É nessa festa que Mrs. Robinson vai ao encontro dele, pondo em marcha a acção, que conhece um capítulo seguinte na festa dos 21 anos do rapaz, de novo organizada pelos pais e à beira da piscina. Na primeira conhecêmos o aquário de peixinhos no quarto de Ben, que só quer “estar sozinho” – e ficamos a saber de onde vêm os célebres planos do aquário colorido do *RUMBLE FISH* de Coppola. Na segunda, o *raccord* aquático de redoma faz-se ao som da respiração ofegante de Ben, que pouco depois entra em campo de fato de mergulhador completo para se atirar à piscina como um bobo daquela corte de alegres convivas. Toda a confusão interior está nos olhos, por trás dos óculos de mergulhador. Toda a repulsa do que eles vêem está em contra-campo, nos planos desfigurados da dita corte, emoldurada pela perspectiva dos aros oculares. Os planos subaquáticos de Ben de fato de mergulhador na piscina, muito brancos, com a figura dele em perda naquele branco e o som encapsulado da cena, são imagens icónicas de *THE GRADUATE*, do que está em causa no filme.

Para lá da história de superfície, é transparente que *THE GRADUATE* é um mergulho no estado das coisas, um espelho da sociedade americana de finais dos anos 60, na convulsão de um tempo que é de guerra (o Vietname) e de efervescências várias (à porta de 1968), na sociedade como no cinema (sacudido pelas vagas de mudança). Tomar o pulso ao estado das coisas implicava pôr lado a lado o verniz estalado do “mundo perfeito” da década anterior, na versão imaculada do vulgo, que Hollywood não deixou de retratar (nem Hollywood nem Sirk, justamente captando-lhe a *falha*, *ALL THAT HEAVEN ALLOWS*, *IMITATION OF LIFE*, de meados e finais dos anos 50), e a perturbação sem diagnóstico da geração que se preparava para ocupar a ribalta. Mrs. Robinson e Ben são as imagens de uma e de outra, do desespero de ambas. É possível que num primeiro momento a empatia se dirija mais à personagem de Ben do que à de Mrs. Robinson, mas *THE GRADUATE* não é meigo para nenhuma delas. Não as poupa, mas também não as distingue na sua desolação. A cena-chave é a da conversa no quarto de hotel onde se encontram para não conversar, quando o rapaz a força a fazê-lo. Ela sabe bem, “Não me parece que tenhamos muito a dizer um ao outro”, mas cede, e fala um bocadinho. A maneira como a sequência é encenada diz-nos tanto sobre o desamparo que por ali ronda, fundo, como as palavras trocadas.

Em certo sentido, não é muito diferente o desfecho. Quando Ben grita o nome de Elaine sobrepondo-se à marcha nupcial e a cara dele é fixada por trás do vidro com vista para a nave da igreja onde ela está a ser casada com outro rapaz, o desespero é audível, exprime-se, e alto. Os berros conduzem à acção, culminando uma cena “the last minute rescue”. Mas, salvo, o jovem casal apanha um autocarro, onde embarca sentando-se na última fila, em *raccord* com a cena inicial no avião repleto de passageiros. “Hello darkness, my old friend.” Na cara deles não é certo que a perturbação tenha ficado para trás.

Maria João Madeira